

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

LUANA ALVES DE CARVALHO

**OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE PRAZER E SOFRIMENTO NO
MERCADO DA MODA**

Mariana, MG
2022

LUANA ALVES DE CARVALHO

**OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE PRAZER
E SOFRIMENTO NO MERCADO DA MODA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para aprovação na disciplina CAD078 e CAD055
do Curso de Administração da Universidade
Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado
Saraiva

Mariana, MG
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C331o Carvalho, Luana Alves De.
Ossos do ofício [manuscrito]: estudo sobre prazer e sofrimento no mercado da moda. / Luana Alves De Carvalho. - 2022.
43 f.: il.: tab.. + Infográfico.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Machado Saraiva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Moda. 2. Organização. 3. Prazer. 4. Sofrimento. 5. Trabalho - Aspectos psicológicos. I. Saraiva, Carolina Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 391

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

LUANA ALVES DE CARVALHO

OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE PRAZER E SOFRIMENTO NO MERCADO DA MODA

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração.

Aprovada em 20 de Junho de 2022.

Membros da banca

Dra. Carolina Machado Saraiva - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Fernanda Maria Felício Macedo Boava- Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Harrison Bachion Ceribelli - Universidade Federal de Ouro Preto
Landson Moura Guedes - LandHugo Fashion Photography

Carolina Machado Saraiva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/06/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Machado Saraiva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/06/2022, às 14:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0348328** e o código CRC **0B01F2ED**.

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo analisar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho no mercado da moda por meio das modelos *fashion* brasileiras. No referencial teórico, a pesquisa baseou-se nos estudos cenciométricos sobre o setor de moda no Brasil e sobre a Psicodinâmica do Trabalho, representada pelo psiquiatra e psicanalista francês Christophe Dejours e demais pesquisadores brasileiros que estudam a área. Na metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e posteriormente uma análise temática sobre os dados coletados, reunindo os principais temas citados nas entrevistas. Verificou-se a partir das análises que mesmo com a melhora dos padrões impostos pela sociedade e pelo mercado, em diversas vivências no mercado de moda, o sofrimento é predominante ao prazer para aqueles sujeitos, o que torna extremamente relevante a busca por incluir este tema em estudos na área da Administração.

Palavras-chave: Psicodinâmica do Trabalho. Prazer e Sofrimento. Mercado da Moda. Estudos Organizacionais.

ABSTRACT

The present Project aims to analyze the experiences of pleasure and suffering at work in the fashion market through Brazilian fashion models. In the theoretical essay, the research was based on metric studies on the fashion sector in Brazil and on the psychodynamics of work, a study by the French psychiatrist and psychoanalyst Christophe Dejours and other Brazilian research in the area. In the methodology, semi-structured interviews were carried out and later a thematic analysis on the data, gathering the main ones mentioned in the interviews. It was verified from a similar theme that even with the improvement of the standards imposed by society and the market, the various experiences of the fashion market, suffering is predominant to pleasure for the subjects, which makes the search for include this gift in studies in the area of Administration.

Keywords: Psychodynamics of Work. Pleasure and Suffering. Fashion Market. Organizational Studies

MEMORIAL

Desde pequena sou encantada com a arte e suas infinitas manifestações. Logo quando completei 15 anos, tive a oportunidade de seguir a carreira de modelo, uma profissão extremamente valorizada pela sociedade. Desde então, me mudei para São Paulo e vivi como modelo por praticamente uma década. Neste meio tempo amadureci, conheci pessoas e profissionais incríveis e tive a oportunidade de viver experiências inimagináveis.

O tempo foi passando e a maturidade me fez questionar até que ponto aquilo me preenchia. Apesar de ter sido muito feliz na profissão, fazendo o que eu amava, a decisão de seguir na carreira me custou muita coisa: a abdicação de estar presente em momentos importantes com a minha família e os meus amigos de infância, a privação com o meu corpo em um momento que eu nem entendia a potência que ele era capaz de suportar, a culpa e a insegurança por não me sentir suficiente em diversos momentos.

Fui percebendo com o tempo, que essa percepção não era aberta ao diálogo em diversos ambientes aos quais eu ocupava, porque as pessoas realmente não conheciam este universo e tudo que acontecia por trás de um bom resultado estampado nas revistas mais conhecidas do Brasil e do mundo.

No ano de 2018, passei na Universidade Federal de Ouro Preto como graduanda do curso de Administração, entendi aquilo como a oportunidade de viver uma nova experiência que durante anos não pude realizar e atribuí como uma fuga a minha antiga realidade que se encerrou naquela época me rendendo muitos traumas e frustrações. Logo no segundo ano da faculdade, me matriculei em uma disciplina eletiva da professora Carolina Saraiva e desde então, os estudos críticos organizacionais me geraram um grande desconforto, esse movimento aconteceu de tal forma, que não houve um semestre em que eu não estava matriculada e interessada em alguma disciplina crítica da área.

Percebi que muitas estruturas e condições de trabalho precisam ser questionadas e entendi que poderia ser o momento ideal para colocar no mundo percepções que ainda não tinham sido vistas e validadas sobre esta profissão. Carol sempre me incentivou em seguir com o tema mesmo quando ele ainda era uma semente. Há praticamente dois anos, venho desenvolvendo essa ideia em conjunto com a Carol, sobre diferentes perspectivas. Até chegarmos nos estudos sobre prazer e sofrimento no trabalho e entendermos que era a frente ideal para desenvolvermos o projeto.

O contato com essa temática foi extremamente importante para mim, durante alguns

momentos cheguei a me questionar até que ponto me sentiria confortável em revisitar determinadas memórias, boa parte das entrevistadas são mulheres que compartilharam comigo experiências e até beliches em apartamentos de modelo há anos atrás, o que tornou esse processo ainda mais especial, ver esse trabalho finalizado foi uma espécie de cura para mim e sei que de certa forma despertou algum questionamento para elas também.

Um dia meu psicólogo perguntou: “Você sente que faz diferença para o mundo?” e eu disse que sim, mesmo nos micros espaços em que habitamos, somos capazes de fazer a diferença, se este projeto for capaz de gerar uma reflexão em quem estuda as estruturas de trabalho e em quem vive dentro dela, vou sentir que este trabalho foi feito com sucesso.

SUMÁRIO

1 . INTRODUÇÃO.....	4
2.OBJETIVOS	5
3.JUSTIFICATIVA	5
4.REFERENCIAL TEÓRICO	6
5.A INDÚSTRIA DA MODA NO BRASIL.....	7
6.PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO	8
7.DELINEAMENTO DA METODOLOGIA.....	10
7.1 Processo de coleta de dados	12
7.2 Processo de análise de dados	12
7.3 Análise.....	14
8.ANÁLISE DOS DADOS	15
8.1 Relatos das entrevistadas em relação aos ambientes físicos de trabalho	15
8.2 Relatos das entrevistadas quanto às relações interpessoais no ambiente de trabalho..	17
8.3 Relatos das entrevistadas quanto às relações entre <i>booker</i> e agência	18
8.4 Relatos das profissionais em relação à remuneração salarial	20
8.5 A relação entre corpo e trabalho	21
8.6 O atual funcionamento do mercado da moda.....	24
8.7 A carreira de modelo	26
8.8 Análise conjunta	27
9.CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A – PRODUÇÃO TÉCNICA.....	35
APÊNDICE B – PRODUÇÃO TÉCNICA	38
APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS.....	41

1 . INTRODUÇÃO

O culto à juventude e à beleza feminina, especificamente, cobrado das mulheres, é uma das formas que o patriarcado encontrou de limitar as potencialidades desse grupo. Tal fato se envolve também de forma direta na obsessão que é refletida, dentro do cenário da moda, em relação à magreza, o que contribui para a manifestação de episódios envolvendo distúrbios alimentares – um quadro que envolve, predominantemente, as mulheres. A preocupação excessiva pela estética, que é fomentada entre esse público, é uma forma de nos manter restritas a certos ambientes.

Sendo assim, a mulher nunca ganha no sistema patriarcal, isto é, ela está sempre refém de um julgamento social: as mulheres que não se encaixam em um padrão de corpo são fadadas ao fracasso; em contrapartida, aquelas que se adequam a esse padrão imposto, tem a sua capacidade intelectual colocada em xeque. Nesse contexto, a insatisfação se torna uma forte maneira de nos mantermos adormecidos diante da desigualdade de gênero.

Ainda sob essa perspectiva, vivemos em uma sociedade consumista e narcisista, na qual a dominação e a alienação estão fortemente influenciadas pelo capitalismo. Tratando-se dos pressupostos marxistas, se faz necessária a denúncia da exploração destes indivíduos pelo capital, uma vez que a classe dominante busca seu próprio interesse e acaba mantendo a submissão voluntária da classe operária. No mundo da moda, as agências alimentam, em sua grande maioria, a precarização do trabalho. Desse modo, as modelos, mesmo tendo a oportunidade de crescer na carreira, não possuem asseguarção de direitos e, em momento algum, é manifestado um interesse da classe dominante em se preocupar minimamente com tais direitos, tanto econômicos quanto sociais.

Não raramente, algumas discussões na sociedade têm sido levantadas acerca dos efeitos causados pela representação da imagem das modelos e, conseqüentemente, da disseminação de um padrão estético e estrutura inalcançáveis para a sociedade. Por outro lado, também há uma problemática, que merece ser sanada, em relação à falta de atenção aos impactos e às condições em que essas modelos estão inseridas dentro do seu ambiente organizacional, e como isso é capaz de impactar física e psicologicamente essas profissionais.

De acordo com Lipovetsky (2001), o aspecto negativo da beleza feminina está no ódio que as mulheres podem nutrir por si mesmas e por seus corpos ao compararem o que elas são com as imagens vistas como perfeitas das modelos. Na visão de Wolf (2019) é uma verdadeira luta entre a dor e o prazer, a liberdade e a obrigação.

2. OBJETIVOS

O presente estudo tem por objetivo analisar as vivências de prazer e sofrimento no mercado de moda, especificamente no trabalho das modelos *fashion* brasileiras (modelos destinadas a desfiles, campanhas e que obrigatoriamente seguem um padrão mínimo de altura e um padrão restrito de medidas), e o levantamento teórico da pesquisa baseou-se nos estudos de autores brasileiros que citam o psiquiatra e psicanalista francês Christophe Dejours, principal representante dos estudos sobre a Psicodinâmica do Trabalho. Além disso, esta pesquisa visa mostrar a importância de se questionar essas condições de trabalho tão invisibilizadas pela sociedade em um mercado como o de moda, que fatura bilhões no Brasil. Sendo assim, buscamos, de forma geral, descrever as vivências dessas profissionais, compreender as condições objetivas e, posteriormente, os sentidos subjetivos relacionados ao prazer e ao sofrimento do objeto de estudo escolhido, permitindo, assim, uma reflexão e possível mudança nesta estrutura que perdura há anos no mercado.

3. JUSTIFICATIVA

Ultimamente, é comum depararmos-nos com discussões que trazem à tona a desconstrução de padrões estéticos, materializados, principalmente, nos corpos magros. Essas discussões são ascendidas devido, principalmente, à força dos discursos feministas, que disseminam ideais em defesa do amor-próprio, da autoaceitação e do não seguimento a regras e a padrões da sociedade. O movimento feminista, sem dúvidas, fortalece o processo de desconstrução e atua como um sintoma de transformação extremamente positivo para que cada mulher viva sua própria identidade e singularidade.

No entanto, ainda assim, é possível perceber o quanto essa emancipação vem de um lento processo, visto que o poder do patriarcado é sistêmico, por questões sociais e estruturais. Apesar de ser recorrente a visibilidade dada à diversidade nas campanhas, sabe-se que existe um interesse mercadológico por trás disso, para que as marcas não corram o risco de perder o seu valor de mercado. Nesse contexto, é importante considerar a retroalimentação da indústria capitalista, que, ao se atentar para esse risco, opta pela apropriação dessa luta. Desse modo, é necessário sempre relativizar este processo, pois, mesmo parecendo algo cada vez mais democrático, continua sendo pautado em tendências totalitárias.

Sob a ótica de uma sociedade neoliberal, o principal objetivo dessas marcas advém do

lucro e da acumulação de capital, o que atinge de forma direta a subjetividade da classe trabalhadora. Até quando a sociedade irá normalizar os impactos que podem ser gerados aos trabalhadores no mercado da moda por estarem em um ambiente socialmente visto como glamouroso? Até quando o trabalho no mercado de moda não será problematizado em relação às suas condições de trabalho?

De acordo com Figueira e Veloso (2019), a sujeição do ser humano de antigamente se adapta à atualidade de outras formas, o que acarreta em diversos danos psicológicos e na falta de qualidade de vida, sejam por jornadas exaustivas de trabalho ou por assédio moral, por exemplo. Nesse viés, essa pesquisa tem o intuito de demonstrar a problemática das condições de trabalho dentro do mercado da moda sob a ótica das modelos e em quais condições esse trabalho gera prazer e sofrimento para essas profissionais.

Atualmente, há uma crescente significativa em periódicos científicos voltados à área da moda, mas, ainda sim, é possível percebermos como a área da Administração carece os olhares para o sistema de trabalho das modelos – um trabalho extremamente precarizado de um setor bilionário no país, que possui a maior cadeia produtiva integrada de moda do Ocidente, de acordo com a Associação Brasileira de Indústria Têxtil (2013).

Sabemos a importância de se questionar sobre a origem dessas estruturas, desses fenômenos e desses padrões. Sendo assim, a abordagem dessa temática pode contribuir para o desenvolvimento de explicações acerca *do modus operandi* desse mercado e pode, até mesmo, criar uma base para a alteração desse sistema. Pretende-se, portanto, estudar essas condições de trabalho, como elas acontecem nas micro-práticas e quais são as formas de ação que devem ser implementadas para visualizarmos esse contexto com a devida atenção. Dito isso, espera-se que futuros personagens e trabalhadores do mundo da moda não tenham impactos tão grandes em seus aspectos físicos, psicológicos e, conseqüentemente, em sua qualidade de vida.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

No universo da cultura, segundo Adorno e Horkheimer (2000), tudo passa a ser um padrão: a produção em série (seguindo os modelos das indústrias capitalistas), a mercantilização dos bens culturais, a padronização dos produtos e a criação de estereótipos. O padrão, portanto, é sempre imposto da forma mais rentável na nossa sociedade capitalista. Nesse sentido, a moda é um exemplo de reprodução de modelos dominantes a partir de um padrão estabelecido com o estereótipo da beleza, do aceitável e do que deve ser seguido.

Segundo Miotello e Turratti (2011), o movimento de artificialização começa a partir das práticas de regulação alimentar e da disciplinarização por atividades físicas. Mesmo sendo uma prática transmitida e constante, ainda é considerada muito excludente, pois os “corpos magros” são impostos como o padrão social do que é belo. Nessa discussão sobre a imposição desses padrões e sobre a “ditadura da magreza”, muito pouco ainda é dito acerca da percepção dessas modelos dentro da profissão e até mesmo a respeito das condições de trabalho às quais elas estão submetidas.

As modelos começam suas carreiras muito cedo e, a partir daí, as agências costumam captar essas adolescentes por meio de um *scouter* (caçador de talentos), um agente, um *booker* (profissional que negocia os trabalhos das modelos), um produtor de elenco ou qualquer outra pessoa que esteja envolvida profissionalmente com a contratação de modelos (Libardi, 2004). Não raramente, essas adolescentes deixam a convivência familiar e iniciam um convívio com um grupo profissional, passando a ser responsáveis pelos próprios cuidados e começam a administrar questões relacionadas à profissão, como a imagem corporal, a alimentação e as finanças (Libardi, 2004; Rodrigues, 2007).

5. A INDÚSTRIA DA MODA NO BRASIL

De acordo com a ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil), o Brasil possui a maior cadeia produtiva integrada de moda do Ocidente, onde são produzidas desde as fibras até as confecções. Além disso, o Brasil ocupa a quarta posição entre os maiores produtores mundiais de artigos de vestuário e a quinta posição entre os maiores produtores de manufaturas têxteis. O complexo da moda, por sua vez, faturou em 2013, US\$ 91 bilhões e foi o responsável por gerar 2,5 milhões de empregos diretos e outros 8 milhões de empregos indiretos, empregando predominantemente mulheres no setor. Ainda em relação ao Brasil, o país possui mais de 350 mil empresas do setor de moda, que foram responsáveis por US\$ 9,17 bilhões de exportações e US\$ 10,98 bilhões de importações (SISTEMA MODA BRASIL, 2013).

De acordo com Yamaguchi (2015), sua análise cenciométrica tornou perceptível o aumento significativo nas publicações científicas no campo da moda, entretanto, identificou-se, nessa área, que o crescimento ocorreu somente a partir da última década, sendo São Paulo a cidade que mais se destacou com maiores publicações relacionadas ao tema (43% das publicações encontradas na coleta) – isto possivelmente se deve ao fato da cidade ser o pólo da moda no país.

Dentre os estudos analisados, foram identificados 9 eixos temáticos principais. Dentre eles, 24% abordam sobre gestão das empresas do setor de moda; 22% discorrem sobre marketing/mercado e 12% discutem a questão da imagem e da identificação por meio da moda. Outros três eixos temáticos, relacionados à história, aos profissionais e à influência da moda, foram tema principal de 9% dos artigos. Apenas 7% dos artigos avaliaram os consumidores; 5% avaliaram as condições de trabalho e 3% deles analisaram o produto (YAMAGUSHI, 2015). Importante salientarmos, após a apresentação desses dados, o quanto o tema sobre as condições de trabalho na moda era insuficientemente contemplado nos periódicos científicos do país.

6. PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO

O trabalho é uma categoria central do desenvolvimento da sociedade e do indivíduo, isto é, uma atividade estruturante que está diretamente relacionada à construção da identidade do ser humano, ao seu sentimento de valor pessoal, à autoestima e ao processo de construção da subjetividade de cada um. A necessidade de estudar mais profundamente a relação do trabalho com os processos psíquicos teve sua origem no começo do século XX, com ampla aplicação dos princípios tayloristas criados com o objetivo de racionalizar o trabalho (MENDES, 1995). A nova dinâmica envolvendo um ritmo exacerbado de trabalho, jornadas excessivas, fadiga física e produção em massa trouxe reflexos à saúde física e mental dos trabalhadores sob um aspecto negativo.

Nesse contexto, a Psicodinâmica do Trabalho, que estuda essa relação entre o sujeito e a organização laborial, é a abordagem científica desenvolvida por Christophe Dejours, na década de 1980. Essa relação, portanto, permite uma compreensão contemporânea sobre a subjetividade no trabalho, o que contempla a temática relacionada ao sofrimento mental dentro desse ambiente. Estudos feitos por Dejours (1987) comprovam como a organização do trabalho é responsável por consequências diretas no funcionamento psíquico do trabalhador. Conforme o autor, a organização do trabalho é conceituada como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder e as questões de responsabilidade (DEJOURS, 1987). Considerando essa afirmativa, é sempre importante salientar o quanto esses conceitos possuem variabilidades de acordo com cada ambiente e dinâmica de trabalho.

Nessa perspectiva, a Psicodinâmica é composta por duas grandes categorias, sendo a

primeira delas composta pela organização do contexto de trabalho e pelas relações e condições de trabalho; já a segunda grande categoria, denominada mobilização subjetiva do trabalhador, é composta pelas vivências de prazer e sofrimento, por estratégias defensivas e pelo espaço de discussão coletiva. De acordo com Augusto *et al.* (2014), são as vivências que retratam o sentido dado ao trabalho como resultante da interação entre condições subjetivas (dos sujeitos) e objetivas (da realidade do trabalho). O trabalhador, com a finalidade de conseguir realizar sua atividade, consome energia individual e coletiva. Desta forma, vivencia, simultaneamente, o prazer e o sofrimento no seu ofício.

As manifestações de sofrimento podem ser expressas pelos males causados no corpo, na mente e nas relações socioprofissionais, portanto, as suas causas advêm do contexto de trabalho. As vivências de prazer, em contrapartida, são oriundas da combinação que o trabalho é capaz de trazer ao corpo, à *psiqué* e às relações interpessoais. Tais vivências se manifestam de forma direta pelo reconhecimento e pela valorização do trabalho. Ainda de acordo com Dejours (2008) esses fatores indicam o prazer no ofício por possibilitarem uma estruturação psíquica, uma identidade e uma expressão da subjetividade no trabalho, viabilizando a reflexão entre o subjetivo e a realidade concreta de trabalho:

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora. (DEJOURS, 1987)

Nesse viés, Mendes (1995) considera que o trabalho muitas vezes oferece condições contrárias à busca do prazer, expresso numa vivência de sofrimento, com sintomas específicos. No lugar de fonte sublimatória de prazer, o trabalho é, então, transformado em necessidade de sobrevivência. Esse modelo teórico da Psicodinâmica é aplicado a qualquer situação de trabalho, entretanto, vale ressaltar que os estudos da normalidade não eliminam os efeitos psicopatológicos que o trabalho pode exercer nos trabalhadores. Nesse sentido, a normalidade não implica ausência de sofrimento, assim como o sofrimento não exclui o prazer (MENDES, 1995).

Ainda no cerne dessa discussão, Ferreira e Mendes (2003) explicam sobre os elementos estruturais presentes na condição de trabalho, que englobam aspectos como: ambiente físico, instrumentos, matéria-prima, suporte organizacional, interações hierárquicas, interações

externas e interações coletivas intra e intergrupos. De acordo com os autores, as condições de trabalho são constituídas pelos elementos estruturais capazes de expressar as condições de trabalho presentes no lócus de produção e caracterizam sua infraestrutura, apoio e práticas administrativas (FERREIRA; MENDES, 2003).

Os estudos relativos ao prazer e ao sofrimento no trabalho se mostra pertinente e relevante pois, além de poder contribuir efetivamente para o desenvolvimento de um ambiente organizacional, permite uma melhor gestão e alteração do sistema, gerando, assim, uma maior qualidade de vida ao trabalhador e uma redução dos prejuízos relacionados à sua saúde física e mental.

7. DELINEAMENTO DA METODOLOGIA

Foi utilizada uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva conclusiva, seguindo a perspectiva interpretativista. O paradigma interpretativista busca assimilar os fenômenos por meio do significado atribuído aos personagens da realidade, através das construções sociais, interações pessoais e aquilo que os sujeitos constroem significados para produzir uma compreensão do contexto do fenômeno. Na visão de Burrell e Morgan (1979), a realidade social não existe em termos concretos, mas é um produto de experiências subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos.

O método de pesquisa adotado foi o qualitativo devido à natureza desse estudo, pois esse tipo de estudo busca compreender um fenômeno em seu ambiente natural e as suas variáveis. Segundo Krippka e Scheller (2015), o investigador é o instrumento principal por captar as informações, o que torna o processo mais interessante que o produto. Esse método pode partir de uma variedade de instrumentos e análise de dados a partir do contato direto do pesquisador com o seu objeto de estudo, como afirma Neves (1996) “(...) nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada.”

Uma pesquisa qualitativa, portanto, deve conter, em primeiro lugar, o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador com instrumento fundamental; em segundo lugar, o caráter descritivo; em seguida, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e, por fim, o enfoque indutivo” (GODOY, 1995 *apud* NEVES, 1996).

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas, durante o período de

fevereiro a abril de 2022, entrevistas, pela modalidade on-line, que se iniciaram no dia 10 de fevereiro com a coleta do pré-teste. O pré-teste demonstrou de forma positiva a construção da entrevista, baseada no estudo apresentado por Ferreira e Mendes (2003) sobre os elementos estruturais presentes na condição de trabalho, que englobam aspectos como: ambiente físico, instrumentos, matéria-prima, suporte organizacional, interações hierárquicas, interações externas e interações coletivas (intra e intergrupais). Para Ferreira e Mendes (2003), essas condições de trabalho são constituídas pelos elementos estruturais capazes de expressar as condições de trabalho presentes no lócus de produção e caracterizam sua infraestrutura, apoio e práticas administrativas. Essa dimensão é integrada pelos elementos citados acima. Algumas perguntas foram retiradas pós pré-teste por demonstrarem desconforto à entrevistada.

Após a fase de teste, prosseguiu-se para a coleta das demais entrevistas, aplicadas entre o dia 10 de fevereiro a 9 de abril de 2022. Ao total, foram coletadas nove entrevistas até chegarmos à exaustão dos dados, configurando um mesmo parâmetro e categorias de sentido apresentados, culminando, assim, em um ponto de saturação. As entrevistas duraram em média 60 minutos, entre um mínimo de 30 minutos e um máximo de 90 minutos, com intervenção mínima, apenas em momentos que cabiam perguntas complementares à resposta do entrevistado. A transcrição foi feita na íntegra pelo próprio pesquisador, resultando em 61 páginas transcritas. A análise escolhida para o desenvolvimento do estudo foi a análise temática (AT). A AT foi depurada em 3 versões, sendo na última versão concluída com 7 famílias temáticas.

O perfil das entrevistadas compreende-se por mulheres (100%) de 20 a 31 anos, algumas que acabaram de começar na profissão (20%) e outras que já desempenham o trabalho há mais de 10 anos (80%), tanto em dedicação integral (80%) quanto em dedicação parcial no ofício (20%). Em relação à escolaridade, apenas 30% cursaram ensino superior. Essa pluralidade em tais características, como tempo de carreira, tem por objetivo obter diferentes perspectivas atreladas a essas variáveis.

QUADRO 1: APRESENTAÇÃO DO PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Entrevistadas	Idade	Tempo de carreira	Dedicação
Entrevistada 1 (E1)	30 anos	15 anos	Integral
Entrevistada 2 (E2)	29 anos	11 anos	Parcial

Entrevistada 3 (E3)	20 anos	10 meses	Integral
Entrevistada 4 (E4)	19 anos	6 meses	Integral
Entrevistada 5 (E5)	26 anos	15 anos	Integral
Entrevistada 6 (E6)	24 anos	8 anos	Integral
Entrevistada 7 (E7)	26 anos	9 anos	Integral
Entrevistada 8 (E8)	31 anos	10 anos	Integral
Entrevistada 9 (E9)	26 anos	11 anos	Parcial

7.1 Processo de coleta de dados

O processo de coleta de dados foi feito por meio de um roteiro de entrevistas semiestruturadas, o que é muito comum dentro de uma pesquisa de caráter qualitativo. Segundo Manzini (2004) existem três tipos de entrevistas: estruturada, semiestruturada e não estruturada. Nesse caso, usamos o recurso de entrevista semiestruturada com até 15 pessoas, que se compreende em uma entrevista com roteiro previamente elaborado, geralmente composto por perguntas abertas. De acordo com Fujisawa (2000), a entrevista semiestruturada permite uma organização mais flexível e uma consequente expansão dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado.

Para a definição com o número certo de entrevistados, usamos a técnica da bola de neve, ou seja, “um método que não se utiliza de um sistema de referências, mas sim de uma rede de amizades dos membros existentes na amostra” (DEWES, 2013). Sendo assim, esse processo parte de um certo número de pessoas que fazem parte do público-alvo e que são selecionadas pelo pesquisador. Nesse caso, serão selecionadas, enquanto sujeitos de pesquisa, modelos *fashion*, profissionais da área da moda destinadas às campanhas e aos desfiles e que, obrigatoriamente, seguem padrões de medidas físicas para se manterem na profissão.

7.2 Processo de análise de dados

De acordo com Braun e Clarke (2006) e como já mencionado anteriormente, a análise temática (AT) é um método na pesquisa qualitativa para identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados. Esse tipo de análise é adotado por se definir como uma estratégia na redução

de dados, sendo eficiente para categorizar, segmentar e reunir os conceitos importantes dentro de um conjunto de dados. Desse modo, o produto da análise temática é uma descrição de padrões que são capazes de serem identificados em um texto, por meio da extração das falas dos entrevistados, e reorganizados em temas e categorias. A partir dessa identificação, é possível descrever esses padrões e construir um desenho amplo que possa unir tais relações.

Neste estudo, a AT começou a ser feita logo no início do processo de entrevista, no momento de categorização das perguntas. Com o objetivo de categorizar o prazer e o sofrimento presentes dentro do ambiente de trabalho, foi seguido um padrão temático. Importante ressaltarmos que, para poder comprovar esta avaliação, foi realizada uma análise aberta, logo, surgiram outros temas ao longo do processo que não foram previstos.

A AT envolve uma série de opções que, muitas vezes, não são explícitas, mas que precisam ser explicitamente consideradas e discutidas. Na prática, essas questões devem ser consideradas antes da análise (e às vezes até antes da coleta) dos dados, e é necessário que exista um diálogo reflexivo por parte do pesquisador ou pesquisadores com relação às questões ao longo dos processos analíticos (BRAUN; CLARKE, 2006).

FIGURA 1: Fases da Análise Temática

Tabela 1: Fases da Análise Temática

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (Nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas:	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório:	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

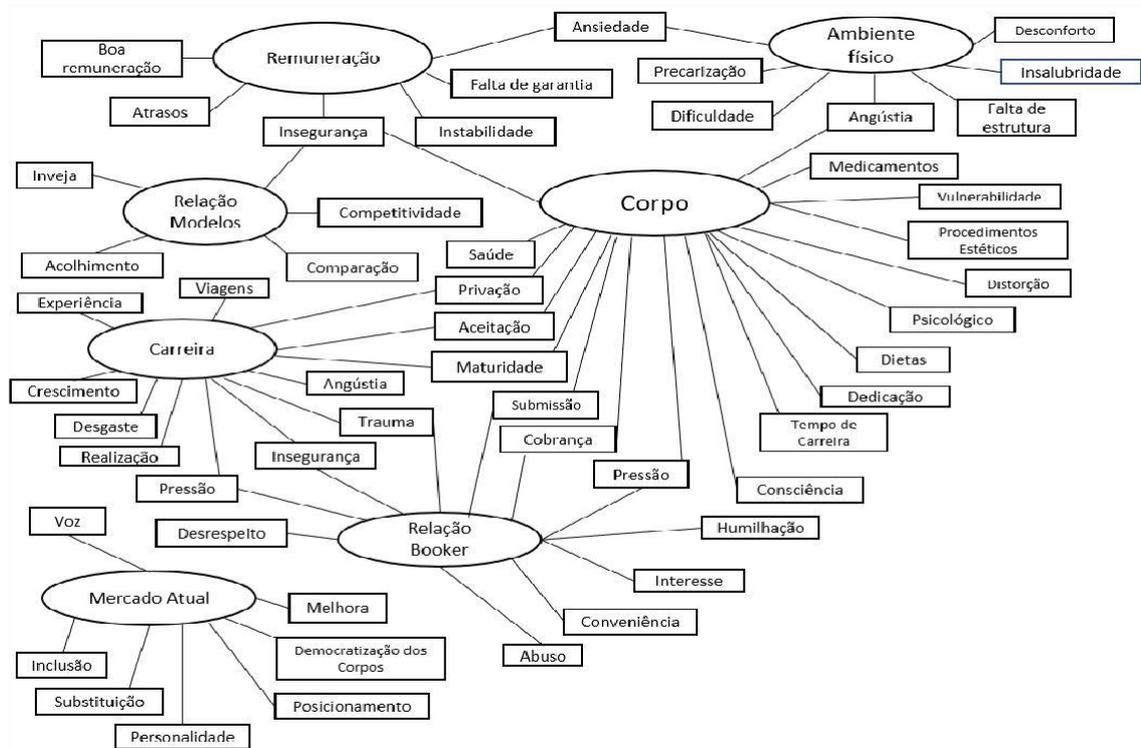
Fonte: BRAUN; CLARKE, 2006, p. 91

Esta análise, portanto, busca entender profundamente esses temas dentro dos dados qualitativos que estão sendo analisados, bem como identificar a frequência em que esses temas aparecem dentro de cada entrevistada e em todas as entrevistadas.

7.3 Análise

No processo 1 de familiarização dos dados, antes mesmo da transcrição, já foi possível apontar temas principais que foram expressos em diversas entrevistas. Apesar da variabilidade de ambientes de trabalho, chegamos à exaustão dos dados e encontramos um padrão de respostas, tornando possível a codificação das características relevantes para a pesquisa e o roteiro para a coleta de dados baseada nessas particularidades, o que caracteriza o processo 2. No processo 3, buscamos o agrupamento dos códigos e seus respectivos subtemas. Já no processo 4, foram revisadas todas as construções de grupos e subgrupos, verificando se os temas estavam realmente operando de acordo com o conteúdo das entrevistas e a todo o conjunto de dados. Por fim, o processo 5, descrito como a etapa de definição e nomeação dos temas, dividiu-se em duas partes. Na primeira delas, foi refeita a análise inicial dessas famílias, retirando alguns temas e incluindo outros, e compreendendo a necessidade de relacionar alguns subgrupos que apareciam em famílias distintas. Na segunda etapa do processo, em conjunto com a orientadora, foram retirados outros subtemas que, por se encaixarem enquanto subcategoria do sofrimento, não trariam tanta pertinência à pesquisa. A partir daí, chegamos, por fim, na última etapa do processo: na análise desses dados e na construção do relatório final.

FIGURA 2: ESQUEMATIZAÇÃO DOS PROCESSOS



Os grandes círculos representam as famílias temáticas e os retângulos denotam os subtemas. As linhas, por sua vez, expressam tanto a afiliação familiar quanto a interrelação entre famílias.

8. ANÁLISE DOS DADOS

8.1 Relatos das entrevistadas em relação aos ambientes físicos de trabalho

O ambiente físico do trabalho, para Ferreira e Mendes (2003) é descrito como um elemento que envolve sinalização, espaço, ar, luz, temperatura e som. Este elemento é capaz de expressar as condições de trabalho presentes no locus de produção e caracterizam a sua infraestrutura. Dentro do ambiente em que as modelos trabalham, esses espaços podem variar de acordo com cada diária. No geral, as modelos trabalham em dois espaços distintos: o ambiente interno e o externo. O primeiro envolve locais como os estúdios de fotografia. Na percepção das entrevistadas, os estúdios costumam ser favoráveis à realização do trabalho, possuindo estrutura suficiente para toda a equipe, como o fornecimento de comida, adequação de temperatura, de luz e de espaço propícios: *“quando é estúdio é tranquilo, o ambiente físico tipo, tem estrutura e tal, quando é externa raramente tem [sic]”* (E2).

Já o ambiente externo, como citado no relato anterior, é caracterizado por ser completamente imprevisível. Algumas questões como fotografar peças de verão no inverno e

trabalhar em condições desfavoráveis foram citadas por diversas entrevistadas. *“Já fotografei biquíni assim, acho que -1 grau, eu lá de biquíni em Andorra, na neve, durante horas.”* (E1). Além disso, uma das entrevistadas relatou um episódio de hipotermia envolvendo o trabalho em ambientes externos: *“(...) se for uma externa, por exemplo, posso citar o caso do dia que eu fiz uma campanha de biquíni no Chile que tipo assim, tinha acabado de parar de chover, estava um vento do cão a gente foi pra praia, e eles falaram assim: “entra ali na água”, eu batendo os dentes assim de frio e como se nada tivesse acontecendo, sabe?”* (E6).

Outra percepção notada entre as entrevistadas é a questão das jornadas excessivas e insalubres de trabalho que costumam ser ainda maiores em trabalhos de externa: *“têm várias questões tipo calor, frio, não tem banheiro, é mais cansativo, aí... a locomoção, aumenta a questão da diária de trabalho também, o que era uma diária de 10 horas às vezes vira 14 porque você tem que contar a ida e a volta, então, eu particularmente detesto externa.”* (E5). Ao criarmos os subtemas do ambiente físico, palavras como precarização, dificuldade, ansiedade e desconforto foram as mais citadas.

Quando questionadas diretamente se o ambiente físico poderia gerar mais prazer ou sofrimento, encontramos respostas como: *“Eu lido de boa por fora, por dentro fico meio irritada e fico sofrendo, né? Porque a gente sente dor, a gente é humano, está com dor, está com frio, está com sei lá.. Com calor, né? É... está sofrendo. E aí você fica com aquela coisa do psicológico: “Preciso estar bem, respira, vai passar... hoje à noite quando você entrar no banheiro pra tomar banho, vai estar bom, a água vai estar quente, vai estar tudo bem.” Tipo isso. [risos]”* (E6). Já a entrevistada 7, respondeu: *“Ah.. sim, tipo, um desconforto pequeno tem, claro! Mas de todo jeito é prazeroso quando acaba, tipo: “eu venci mais uma dessas” e...tiveram várias vezes em que peguei de novo o mesmo cliente e o mesmo trabalho porque eu não reclamo muito, sou uma pessoa paciente, eu aguento o tranco, acho que é meu diferencial de outras meninas que vão reclamar super”*.

Logo, percebemos que o sofrimento é muito mais presente nesta família do que o prazer, afinal, a imprevisibilidade de um ambiente externo gera muita angústia nas profissionais. É notório também que algumas das entrevistadas relatam estarem acostumadas com esses ambientes, por isso, não gera tanto sofrimento. No entanto, como foi visto, boa parte delas atribuem o prazer à etapa final, ou seja, à de conclusão do trabalho. Portanto, é possível constatar, a partir desses relatos, que esse sofrimento já está naturalizado e, conseqüentemente, imperceptível dentro do cotidiano profissional dessas jovens.

8.2 Relatos das entrevistadas quanto às relações interpessoais no ambiente de trabalho

De acordo com Ferreira e Mendes (2003), as relações socioprofissionais são constituídas por elementos interacionais que são capazes de expressar as relações interpessoais presentes no cenário de trabalho e capazes de caracterizar sua dimensão social. A relação entre as modelos pode ser caracterizada como uma dessas interações coletivas intra e intergrupais, denominadas como membros da equipe de trabalho e membros de outros grupos de trabalho.

Neste tema, os subtemas selecionados foram competitividade, insegurança, comparação, inveja e acolhimento. A partir da análise foi possível perceber o quanto as entrevistadas consideram essa relação extremamente competitiva. Ao serem questionadas sobre esse ambiente ser ou não acolhedor, respostas como estas foram predominantes: *“Competitivo. É muita competição, ainda mais quando é um monte de modelo no set e você vai fazer uma campanha importante, aí as modelos acabam olhando pra quem o cliente tá gostando mais [sic]”* (E1). Um outro ponto perceptível a partir da análise é a questão da competitividade interna, ou seja, do sujeito se comparar a todo momento com suas respectivas concorrentes. Alguns exemplos foram citados, como os de dentro dos ambientes de trabalho, em que o próprio cliente ou agência compara o seu corpo com o de outra modelo: *“Você vê aquela diferença que o cliente faz entre você e a outra modelo, e fala: “a coxa dela tá muito grossa! A da outra tá mais fina”, e isso vai gerando insegurança. Isso faz a gente não se aceitar, a gente acaba se comparando muito. [sic]”* (E2). Ao serem questionadas diretamente sobre qual é o sentimento que elas têm em relação às outras modelos, relatos como este também foram coletados: *“Insegurança e muita ansiedade. Acho que eu tenho essa coisa de começar a querer trabalhar mais eu comigo e não tentar me comparar, mas eu acho que é inevitável quanto tu tá num casting com muitas modelos, eu me sinto insegura, eu me sinto ansiosa, principalmente com a minha aparência”* (E9). É notável, por meio das entrevistas, o quanto esse sentimento e essa relação vão mudando ao longo do tempo: *“eu era insegura, achava que sempre tinha uma pessoa melhor do que eu. Hoje eu entendo muito mais que existe diferença entre um corpo e outro e que, muitas vezes, a gente é chamado não tanto pela beleza, mas pela personalidade também, hoje eu consigo ver isso melhor, mas antes era algo que me fazia muito mal.”* (E9).

Encontramos também relatos positivos sobre essa relação modelo/modelo com a ressalva da insegurança interna citada anteriormente: *“Eu nunca me senti num clima de competição, por mais que fossem modelos que tivessem o mesmo perfil, ou seja, teoricamente a gente teria competição uma com a outra, mas não. Ou as meninas não se falavam tipo: “ok,*

I don't know and I don't care” ou as meninas eram amigas, porque quem vai te entender nessa situação, são só as outras modelos e talvez a sua família, sabe? Agora, insegurança? 24 horas por dia e não necessariamente por culpa das outras meninas, mas pela nossa cabeça mesmo, é o tempo inteiro.” (E2)

Neste panorama, portanto, a relação entre as modelos gera muito mais sofrimento do que prazer, é possível existirem relações sólidas de amizade entre os indivíduos, porém o que predomina, é o sofrimento relacionado à insegurança, inveja e competitividade, não necessariamente refletidos em ações de maldade para com o outro, mas sim uma autossabotagem relacionada a esses sentimentos causados nesta relação.

8.3 Relatos das entrevistadas quanto às relações entre *booker* e agência

A relação entre as modelos e a agência é caracterizada como parte das interações hierárquicas existentes nesta cadeia e é uma das maiores problemáticas coletadas a partir das entrevistas. Uma agência de modelos é o local onde a modelo terá todo o seu direcionamento de carreira e será repassada aos trabalhos e *castings* (testes). Dentro desta estrutura, o *booker* é o profissional responsável por fazer este direcionamento e cuidar de todo o profissional da modelo. Na teoria, essa troca profissional deveria funcionar de forma que o *booker* trabalhasse para a modelo, já que ele recebe uma porcentagem direta por todos os trabalhos aos quais aquela profissional será veiculada, mas entendemos que, na prática, não é o que ocorrem. Uma vez que o *booker* é o profissional responsável por possuir o contato direto com os clientes, há um medo constante em contrariá-lo e, assim, não ser mais contratada para nenhuma oportunidade de emprego: *“eu já passei pela situação, do booker pegar ranço de mim porque eu fui reclamar de algo que eu tava [sic] certa e ele foi e me deixou na geladeira e parou de me vender, ele tem esse poder.” (E9).*

Há, portanto, uma relação direta de poder e controle: *“se você não fizer o bom relacionamento ali, tu tá [sic] ferrada, não rola, você não trabalha [risos], então é assim, se você não for agradável para eles e fazer aquele belíssimo networking, talvez você nunca vai trabalhar com aquele booker.”(E2).* Todos os entrevistados demonstraram que essa troca só é saudável quando o *booker* acredita que a profissional oferecerá uma satisfatória moeda de troca: *“eu vejo um pouco de descaso sim e às vezes eu tenho que correr muito atrás, eles meio que não estão nem aí, é... [pausa] eu sinto que é um jogo de interesse né? Então enquanto eles não verem que você tem muito a oferecer, um retorno financeiro pra eles, eles não vão fazer muito*

por você.” (E4). A entrevistada 6 relata o mesmo sentimento: *“Quase uma escravidão né? Porque se eles trabalhassem pra gente, eles estariam muito mais empenhados em nos vender e não é o que acontece. A gente tem que ficar lá, puxando saco, indo lá todo dia pra lembrarem da gente.”* (E6).

As modelos desabafaram também sobre o fato de não possuírem controle sobre suas agendas. Por elas estarem inseridas em uma rotina imprevisível, às vezes, a modelo passa semanas sem trabalhar e quando resolve fechar alguns dias da agenda para resolver algo pessoal, os *bookers* não costumam aceitar tal situação de forma tranquila: *“eu sinto que a gente trabalha muito mais pro booker, porque eu tô todos os dias, 24 horas à disposição e mesmo quando eu não tô [sic] à disposição eu tenho que dar um jeito de ficar à disposição.”* (E9)

A rotina de uma modelo é completamente inconstante, sem equipes e ambientes fixos de trabalho, o que gera, no dia a dia dessas profissionais, uma série de situações desconfortáveis ou casos específicos que necessitam de um suporte direto de um profissional que possa resolver determinadas questões relacionadas a diárias de trabalho que ultrapassam os horários combinados, ao atraso nos pagamentos, ao abuso moral por parte de clientes, ao não cumprimento do contrato por parte da equipe, dentre outras. Ao serem questionadas sobre o suporte dado pela agência, as respostas foram unânimes do quanto é insatisfatório esse retorno: *“Sempre as agências tratam as modelos de uma péssima forma, eu cheguei uma vez com 14 anos em Paris, eu não sabia falar inglês e eles falaram: “toma um mapa e vai, você tem 10 endereços diferentes pra ir hoje”* (E1).

Em relação aos pagamentos atrasados, relatos como o das entrevistadas 5 e 9, respectivamente, foram comuns: *“quando o cliente não paga, eu ouvia assim: “ai [sic] gata, você quer que eu faça o quê?” Tipo, é um trabalho deles exigirem que eles me paguem, então eu não me sinto respeitada muita das vezes eu não me sinto, eles me tratam como um produto literalmente.”* (E5); *“Eles são pagos pra fazer mais, e eles fazem muito pouco pela modelo.”* (E9)

De acordo com Dejours (1992), o trabalho produz sobre o homem ações específicas, levando em conta que em determinados contextos de trabalho surge um sofrimento a partir do choque entre os desejos pessoais do sujeito que trabalha e uma organização que não acolhe os sonhos e esperanças desse sujeito trabalhador. A partir do momento em que a modelo inicia sua carreira, ela entende que o *booker* é sua referência do que se deve ou não fazer para alcançar determinados trabalhos ou contratos, logo, desde o início essa interação é baseada em uma submissão direta. De forma discrepante, este tema é um dos mais traumáticos na vida de uma

modelo. As palavras e, conseqüentemente, os subtemas mais encontrados nas entrevistas foram: abuso, submissão, insegurança, trauma, cobrança, conveniência, pressão, humilhação, desrespeito e interesse. Podemos dizer que essa interação hierárquica se encaixa diretamente em um contexto de sofrimento para todas as entrevistadas, gerando um grande desgaste mental a essas profissionais, mesmo após de anos de carreira.

8.4 Relatos das profissionais em relação à remuneração salarial

A remuneração faz parte da estrutura de suporte organizacional do trabalho. Pode-se afirmar que a remuneração de modelos no mercado da moda, apesar de não ter carteira assinada e não assegurar nenhum direito ou benefício aos trabalhadores da profissão, é considerada uma das únicas profissões em que a mulher ganha mais do que o homem em uma questão de comparação salarial de gênero. Durante a entrevista, foi unânime a percepção entre as entrevistadas que considerando a remuneração de qualquer outra profissão no mercado de trabalho, mesmo tirando a porcentagem da agência e os impostos descontados nos cachês, os valores são considerados altos.

A grande maioria das entrevistadas atribui ao retorno financeiro a causa para a permanência na carreira, por terem a consciência de que não conseguiriam uma remuneração similar em outras profissões de forma instantânea: *“quando tu para [sic] pra pensar no que a modelo ganha num dia de trabalho que tem gente que demora muito tempo pra ganhar essa grana, aí eu acho que eu sou bem remunerada sim (E5)”*; *“É um trabalho bem remunerado se for em comparação a outros trabalhos que eu já fiz na minha vida” (E3)*.

O problema é todo o processo envolvido no pagamento dessas diárias de trabalho. Neste fluxo, tanto agências quanto clientes costumam fugir dos prazos de pagamento. Quando questionadas se os pagamentos eram feitos em dia, a maioria das respostas foram negativas: *“Não, nunca. É muito raro. Olha, eu emito nota e o cliente não paga no dia do vencimento da minha nota, às vezes eu tenho que guardar dinheiro pra pagar a nota do cliente que não me pagou e às vezes não me paga, ou ficou me devendo, ou às vezes paga depois de 6 meses, ou 3 meses.” (E9)*. *“Meus pagamentos? [tom de ironia] Eu não consigo contar nas minhas mãos e eu tenho duas, graças a Deus [risos]. Quantos pagamentos eu não recebi na minha vida...Então, isso parece até piada, mas eu não sei se em algum momento na minha vida eu fui paga em dia (E2)*; *“Fiquei 1 ano sem receber um cachê de 5 mil que eu tinha feito, tive que falar que eu ia processar a agência pra receber. É um absurdo você ter que cobrar um dinheiro*

que é seu” (E6). Nesse tema, subgrupos como boa remuneração, atrasos, instabilidade, insegurança, falta de garantia e ansiedade foram os mais citados e capazes de representar as percepções coletadas.

Como citado anteriormente, o trabalho da modelo é muito instável, pois não há uma garantia de que a profissional conseguirá se manter no mercado e de que trabalhará na mesma constância. Isso está diretamente ligado também à remuneração, já que a falta de garantia e os atrasos no pagamento, por mais que os cachês sejam altos, não permitem com que a profissional tenha autonomia e segurança sobre o seu dinheiro: *“Eu nunca tive estabilidade financeira porque eu tenho que ficar guardando dinheiro. É muito instável! Tem mês que tem trabalho, tem mês que não. Então assim, o dinheiro que eu guardei do mês passado que eu trabalhei muito, ele vai todo nos outros meses que talvez eu não vou trabalhar e que talvez a agência ou o cliente ainda não me pagou. Não lido bem, confesso. Muita terapia também pra lidar. Minha terapeuta já falou pra eu desistir de modelar [risos].” (E5)*

8.5 A relação entre corpo e trabalho

O corpo é o principal instrumento de trabalho da modelo. A partir dele, ela imprime os desejos dos clientes e do mercado de acordo com cada referência entregue nos trabalhos. Apesar de expressar uma imagem de força, empoderamento e beleza, o corpo das modelos é resultado de uma soma das suas fragilidades e dos seus traumas. A ditadura da magreza, muito comum no mundo da moda, cria uma busca incessante por um padrão de beleza inalcançável, até mesmo para as mulheres consideradas magras pelo padrão estético imposto pela sociedade.

Geralmente, as modelos iniciam suas carreiras precocemente, quando seus corpos ainda não estão totalmente formados, o que torna ainda mais fácil moldar esse sujeito dentro dos padrões físicos e psicológicos que são impostos. Atualmente, esses padrões têm sido mais flexíveis, mas, ainda assim, as medidas são consideradas pré-requisitos para comporem um *casting* (seleção) de um desfile ou de uma campanha. É nesse paradigma que as modelos encontram uma posição de abuso sobre seus corpos, em que recebem retaliações diretas de *bookers* e clientes, além da pressão interna que cada uma se submete, podendo gerar até mesmo distúrbios alimentares como a anorexia, a bulimia e a utilização de remédios para fins de emagrecimento.

Ao selecionarmos os subtemas relacionados à autoimagem, palavras como insegurança, vulnerabilidade, privação, submissão, distorção, cobrança, angústia, pressão, maturidade,

saúde, consciência, aceitação, dietas, medicamentos, procedimentos estéticos, psicológico, dedicação e tempo de carreira foram as mais recorrentes.

Quando questionadas sobre como lidam em relação à pressão imposta sobre seus corpos, relatos como esses, fornecidos pela entrevistada 1, foram comuns: *“Quando eu comecei, eu não lidava bem. Eu fiz lipoaspiração com 17 anos, era uma das coisas que mais me traumatizava. Eu não me amava, eu ficava me olhando no espelho assim, vestia só camiseta, porque eu me sentia muito feia, com o corpo horrível, porque eles faziam eu me sentir assim. E aí quando eu saí dessa agência, a minha mãe recebeu uma ligação da booker falando assim: “Ah, a sua filha tem depressão... ela aparece aqui na agência com camiseta, a sua filha tem que se tratar, tá [sic] se vestindo como uma mendiga... Eles que fizeram isso comigo, sabe? Eu vestia assim porque eles falavam que eu tava [sic] feia e diziam: “o seu corpo está feio”. [começa a chorar][pausa] (E1).*

Nesse mesmo viés, a entrevistada 7 também desabafa sobre o procedimento estético que se submeteu no início de sua carreira: *“Eu acho que eu já tinha uns 30% de insegurança quando comecei, 70% vinha do que o mundo da moda me deu, do olhar torto, de medir e falar que eu tô [sic] grande, por isso até que eu fiz uma lipo com 19 anos, falavam que tudo ia mudar se eu fizesse uma lipo e eu fiz, nada mudou.” (E7).*

Já a entrevistada 6 conta como foi traumático seu processo logo quando se mudou para São Paulo: *“(...) cheguei muito novinha em São Paulo e aceitava qualquer coisa, eles falavam: “você tem que perder medida”, e eu tinha 92 de quadril, eu não era gorda! A minha estrutura óssea de quadril e de bacia é muito grande, larga, o osso em si, então isso me pegava bastante porque é um padrão imposto que não leva em consideração o biotipo do meu corpo. Comecei a tomar remédio para emagrecer e perdi 8 quilos em 3 semanas, e eu tinha 16 anos. Pra falar a verdade, eu não lembro de muita coisa dessa época, esse remédio me deixou muito mal, eu não conseguia dormir e minha pressão caía demais. Eu vivia com um tomate, um ovo e às vezes uma sardinha durante um dia inteiro, inclusive eu sentia ânsia de comer. Eu não só tomei uma vez [o remédio] como tomei 3 vezes: a primeira vez deu efeito rebote, engordei tudo de novo, comecei a sentir fome igual uma louca e comecei a comer tudo que eu via pela frente. Aí eles queriam que eu fizesse fashion week de novo no ano seguinte, tomei de novo, e aí depois de 6 meses tomei de novo” (E6).*

Em outra situação, a entrevistada 5 desabafa sobre como lidava com a pressão sobre seu corpo: *“Já lidei muito mal com isso. Na verdade, não lidei. Eu cedia a qualquer tipo de pressão que me fizessem, a qualquer imposição que me era feita, tudo que as pessoas falavam eu*

acatava aquilo e vivia aquilo como se fosse uma verdade. Um comentário que eu ouvia muito era: “nossa, porque o rosto dela é muito lindo, por que ela não emagrece?” E é engraçado porque eu não era gorda, era uma mulher que vestia 38, sempre fui, mas eu ouvia esse tipo de comentário, e eu inclusive já fui em casting que um produtor ficou fofocando e eu fui embora e depois minha booker falou que o comentário dele foi: “nossa, essa menina era tão linda, o que que houve com ela? Ela engordou tanto” (E5).

Já a entrevistada 3 desabafou sobre a pressão que ela criou internamente por conta do meio, que, segundo ela, é uma das partes mais frustrantes da profissão: *“eu passei a adolescência toda tentando desmistificar tudo que as pessoas tentavam colocar em mim e tentar me amar do jeito que eu sou, e aí você começa a trabalhar com aquilo que você sonhou em trabalhar e aí, mesmo que ninguém te diga, você começa a achar que tá [sic] tudo errado em você, então essa parte é a pior de todas” (E3).*

A naturalização da pressão estética gera uma distorção em boa parte dessas modelos, que não conseguem mais visualizar seus corpos reais: *“já me peguei em vários momentos falando: “Ah, a minha coxa tá grossa!” e aí, quando eu paro pra pensar, eu falo: meu Deus, não tô [sic] não. Ou: “ai, tô [sic] gorda!” Eu usava muito esses termos, hoje eu tenho tentado realmente não pronunciar isso” (E1).* Este processo demonstra também o quanto a insegurança paira em relação ao reflexo que elas veem no espelho, e a entrevistada 1 finaliza: *“tenho muitos traumas com o meu corpo, com a minha beleza, eu me sentia feia, uma mulher feia” (E1).*

As únicas entrevistadas que não tiveram relatos traumáticos relacionados ao corpo são as que reconhecem possuir uma genética favorável ao meio: *“nunca tive problema, porque também tenho uma genética favorável ao mundo da moda hoje, então eu nunca tive que seguir dietas à risca.” (E4).* Já a entrevistada 2, mesmo reconhecendo sua genética, pontua sobre a insegurança relacionada à profissão: *“é uma coisa que realmente nunca me afetou, mas porque realmente eu sempre fui magra, mas eu tenho certeza absoluta que modelo, mulher modelo talvez sejam as mulheres mais inseguras que existem” (E2).*

Mesmo carregando esses traumas irreparáveis para o resto da vida, as modelos com mais tempo de carreira mostram o quanto a maturidade ressignificou a relação delas com seus corpos, se preocupando muito mais com a sua saúde e alimentação em detrimento de adotar uma visão única sobre uma estética que impõe restrições a tudo que ultrapassa o limite de seus corpos. *“Hoje em dia, eu acho que justamente por essa maturidade, por eu ter buscado essa coisa de lidar melhor comigo, de me aceitar mais com o meu corpo, hoje as coisas já não me incomodam tanto” (E5).* Seguindo a mesma linha de pensamento, a entrevistada 8 desabafa: *“eu já vinha*

trabalhando a ideia de aceitação, de tipo: “poxa, sempre segui o que os outros falam pra mim... não tá [sic] certo, né? [sic] Meu corpo tá [sic] assim e eles querem que eu chegue numacoisa que meu corpo não é, não tem estrutura óssea ou muscular ou qualquer coisa do gênero pra isso, então assim... eu já entendia que isso era errado, mas na prática era muito difícil, depois de muita terapia fui aprendendo a lidar” (E8).

Já a entrevistada 6, que citou anteriormente ter utilizado medicamentos para emagrecimento, declara: *“a saúde hoje em dia é muito mais preciosa pra mim do que a estética. Como isso era antigamente, eu acreditava muito no que me falavam, que eu tinha que chegar naquilo. Hoje em dia, se falam, eu digo: “beleza, no meu tempo, se eu conseguir e se eu quiser” (E6).*

O trabalho vivo, de acordo com Dejours (2008) está relacionado ao poder do trabalhador de sentir, pensar, inventar, criar e recriar o seu fazer cotidiano no trabalho. Dejours entende que o sofrimento é como o modo fundamental pelo qual se dá o trabalho, mas que trabalhar também é transformar a si mesmo. Essa ressignificação da forma como as modelos com mais tempo de carreira possuem em relação aos seus corpos permite que essa troca aconteça de forma mais leve e menos penosa.

Nesse panorama, portanto, observamos o quanto a autoimagem é resultado direto de sofrimento para essas mulheres, já que boa parte dos sentimentos e ações relacionados aos seus respectivos corpos geram sentimentos de frustração e de desapontamento.

8.6 O atual funcionamento do mercado da moda

O mercado da moda atualmente, quando comparado há alguns anos, mostra diferenças positivas em relação à estrutura de trabalho para a modelo, fator muito comentado entre as entrevistadas que possuem anos de profissão. Palavras como: melhora, democratização dos corpos, inclusão, voz, posicionamento, personalidade e substituição foram considerados os subtemas desta família.

Atualmente, o público feminino vem discutindo muito mais sobre a pressão relacionada aos corpos femininos e à ditadura da magreza. Mesmo que a passos lentos, essas discussões recaem diretamente no universo da moda, visto que a democratização dos corpos vem tomando um espaço maior nas campanhas, nos editoriais e na criação de peças inclusivas. Quando uma das entrevistadas da nova geração é questionada sobre a pressão envolvendo o seu corpo, percebemos essa mudança: *“os padrões hoje em dia mudaram bastante, não o suficiente ainda*

mas, pelo que eu escuto as pessoas dizendo, melhorou bastante, então eu acho que não peguei essa época em que você vai num lugar e você escuta: “Ah mas eu achei que ela fosse muito mais magra” (E3).

Quando questionadas sobre as percepções de mudança no mercado, entrevistadas com mais tempo de carreira demonstraram uma satisfação maior sobre essa alteração em diversos pontos, especialmente no que diz respeito ao ambiente físico: *“em geral, as pessoas hoje em dia pensam mais em questão de estrutura do que antes” (E8); “Eu acho que hoje em dia as coisas estão um pouco melhores, sabe? As pessoas estão tentando montar equipes que sejam prazerosas de trabalhar e tal” (E9).*

No quesito relação modelo/booker a entrevistada 6 desabafa sobre a forma como era abordada na agência: *“Hoje em dia, existe uma questão mais pesada de cancelamento, então eles até se seguram mais pra falar, mas há uns anos atrás... [sic] Eles eram muito... Eles não pensavam, sabe? Que a gente sofria, que a nossa mente ficava bugada. Antes eu tinha 16 anos, eu não sabia o que eu tava [sic] fazendo, eu vim da roça, eu era muito influenciável, então qualquer coisa que me mandassem fazer, eu fazia, eu não pensava” (E6).*

Essa mudança tem refletido diretamente na nova geração de modelos no mercado, que se posicionam e tem muito mais voz diante de qualquer desconforto em trabalhos, por exemplo. *“Essa nova geração tá vindo... pedindo, né? Exigindo as coisas. Modelo não podia reclamar, hoje em dia, nem só a modelo reclama, os fotógrafos, os stylists, toda a galera assim.” (E1)* Antigamente, modelos eram conhecidas apenas como cabides, assim afirma a entrevistada 5: *“Quando eu comecei, eu ficava quieta, até porque quando a gente... quando a gente começou, a instrução era entrar muda e sair calada, eu lembro exatamente dessa frase, do booker da agência virar pra mim e falar: “tu entra muda e sai calada” (E5).*

Nesse contexto, de acordo com Augusto *et al* (2014), mesmo que as estratégias individuais de defesa sejam capazes de cumprir um papel positivo na adaptação do sofrimento, elas ainda exercem pouca influência na violência social, o que reforça ainda mais a ideia de como o movimento coletivo dos trabalhadores gera muito mais mudança em um sistema e abre espaço para discussão de uma estrutura já normalizada.

Um ponto considerado negativo pelas modelos relacionado ao mercado atual é a substituição das modelos por influenciadores digitais. Isso resulta em um processo forçado de adaptação aos novos moldes do mercado, enquanto anteriormente as modelos faziam seus trabalhos, voltavam para casa e viviam suas vidas normalmente. Porém, atualmente, elas têm que vender um produto por meio do *Instagram* a todo momento, além de vender um

personagem, na maioria das vezes: *"eu sou do mato, eu sou da praia, eu tenho outro contexto de vida além de modelo. Eu não vivo o meio, eu vivo ali no momento do trabalho, mas a minha rotina pós-trabalho é outra, eu tenho outra vida. Aí eu me sinto prejudicada agora nesse contexto, porque eu tenho que tá [sic] no Instagram dentro da minha casa, no meu descanso, postando ou falando, porque as pessoas querem ver o que você faz e o que você é. Isso me exige 24 horas hoje."* (E1).

Basicamente, o mercado atual é considerado muito mais uma fonte de prazer do que de sofrimento para as modelos, principalmente àquelas que começaram a carreira há anos. Essa mudança é perceptível, e gera um conforto em saber que existe um maior espaço para se posicionar mais, desde em relação a queixas mínimas, como informar de que está com fome no *set* ou para reclamar de um calçado desconfortável, até a questões que envolvem a saúde dessas mulheres. A abertura desse espaço contribui, inclusive, para que as modelos sintam uma maior liberdade com os seus corpos, de modo a não se submeterem mais a dietas restritas e à ingestão de medicamentos para alcançarem uma certa medida de peso que é exigida pelo trabalho.

8.7 A carreira de modelo

A carreira é denominada como a trajetória que um indivíduo percorre ao longo da sua vida profissional. Esse tema foi um dos escolhidos para representar as entrevistas coletadas devido à relação direta com o prazer e o sofrimento das modelos. A partir da análise realizada, é notável o quanto as relações e percepções desses indivíduos vão mudando ao longo dos anos de profissão.

Geralmente, as modelos entram para o mercado de moda muito novas, entre 15 e 17 anos. Aliado a isso, elas não possuem um treinamento prévio de mercado e passam por um processo de desenvolvimento muito além do esperado para sua idade. Em sua grande maioria, elas saem de suas cidades natais, mudam para São Paulo e, posteriormente, são promovidas à carreira internacional – tudo isso em um curto espaço de tempo. Esse processo implica em um amadurecimento precoce e na abdicação dos estudos. Além de se manterem longe da família, essas jovens devem saber lidar com o dinheiro e com pressões relacionadas ao corpo, aos clientes e à agência.

Ao selecionarmos os subtemas desta família, palavras como: crescimento, angústia, maturidade, traumas, viagens, experiência, confiança, aceitação, privação, desgaste, realização, pressão e insegurança foram as mais identificadas. Todas as famílias citadas nos tópicos

anteriores da análise são capazes de descrever a origem de boa parte dessas percepções relacionadas ao sofrimento, como a angústia, os traumas, o desgaste, a privação e a pressão.

O tempo de carreira é primordial para que essas profissionais se entendam ainda mais enquanto indivíduo e se sintam mais confiantes em sua profissão. Apesar da relação com o corpo ser um trauma para praticamente todas elas, suas percepções de autoimagem melhoraram consideravelmente com o tempo de carreira, o que reflete diretamente na sua aceitação e no seu posicionamento.

É inegável o quanto a trajetória de carreira das modelos permite um crescimento, amadurecimento, experiência e realização que praticamente nenhuma outra profissão permitiria neste espaço/tempo. É unânime, para todas as entrevistadas, o quanto isso gera prazer a elas e o quanto elas têm a consciência de que boa parte do que construíram, tanto de forma pessoal quanto financeira, só seria possível da forma como tudo ocorreu: *“Eu me sinto muito realizada por conhecer pessoas diferentes, culturas diferentes, se eu não tivesse essa profissão, eu acho que eu não teria evoluído também como pessoa, de sair do meu meio.”*, relatava a entrevistada 1 (E1); *“Posso dizer que eu me sinto orgulhosa da mulher que eu me tornei e que a moda tem um, tipo assim, tem um dedo fundamental aí, foi um empurrãozinho que eu precisei pra me tornar quem eu sou hoje. A moda me proporcionou muita coisa que eu financeiramente e minha família não teria como me proporcionar.”* (E5)

De acordo com Augusto *et al* (2014), as vivências de prazer se manifestam por meio da realização, da gratificação, do reconhecimento, da liberdade, e da valorização do trabalho. As causas do prazer originam-se das dimensões que estruturam este determinado contexto de trabalho. Desse modo, mesmo diante de todos os desafios da profissão, que não são poucos, boa parte das entrevistadas sente prazer ao falar da sua carreira e da sua trajetória: *“eu percebo que apesar das coisas que me deixam pra baixo ou das coisas que não são legais eu me dou bem fazendo isso, e eu sinto que eu posso continuar e que eu quero continuar.”* (E3); *“O meu objetivo sempre foi ser feliz no meu trabalho e hoje em dia eu sou, tanto no meu trabalho, quanto com o que meu trabalho trouxe pra mim. Eu sei que foram muitas oportunidades, várias coisas bacanas que vieram por causa do trabalho e com as pessoas que eu conheci. Me sinto realizada.”* (E7).

8.8 Análise conjunta

O trabalho, mesmo sendo caracterizado como uma categoria central no

desenvolvimento do indivíduo e das suas relações, também é considerado por diversos pesquisadores como Dejours, Marx como uma fonte de sofrimento. Para a sociedade, a moda é vista como um setor extremamente glamourizado e considerado uma fonte direta de prazer, capaz de lançar tendências, criar linguagens e transformar comportamentos tanto de forma individual, quanto coletiva.

Todavia, o que poucos têm acesso é o funcionamento dos bastidores, isto é, como ocorrem os processos por trás de uma produção na área antes de um determinado produto chegar ao consumidor final. Isso envolve diversas etapas como pesquisas, análises de mercado, fornecedores, processo criativo, produção, divulgação e vendas. Enquanto objetos de estudos e a partir das entrevistas analisadas e das categorias criadas nesta pesquisa, há uma percepção direta sobre como o trabalho das modelos é fortemente considerado uma fonte de sofrimento desse sujeito.

Conclui-se que as categorias que predominam o sofrimento no trabalho são a relação com a agência, a relação com o corpo, a relação entre as modelos, o ambiente físico e a remuneração. As categorias em que podemos verificar mais prazer que sofrimento envolvem a carreira e o mercado atual. É importante ressaltarmos que, apesar de seguirmos os paradigmas de categorizações, a modelo não costuma ter uma rotina, o que implica diariamente em trabalhar com equipes diferentes, ambientes físicos diferentes e contexto variáveis. Essa dinâmica gera uma diferenciação na percepção de cada trabalho, portanto, tentamos agrupar aquelas percepções que foram vistas de forma similar por diversos entrevistados que citaram contextos similares.

Os temas que mais causam sofrimento neste sujeito são a autoimagem, ou seja, a sua relação com o corpo e a relação da modelo com a agência. Esses foram os pontos-chave de maior desabafo, angústias e experiências ruins das entrevistadas. Foi unânime nas entrevistas o quanto esses temas acarretam diversos traumas na vida dessas modelos e, mesmo com a maturidade, anos de carreira e maior percepção sobre essas relações, ainda são temáticas capazes de mexer profundamente com o psicológico dessas mulheres. Apesar de haver uma maior consciência em relação a isso, a há uma consciência maior, a submissão e a insegurança nesses ambientes permanecem.

A partir da análise, o tema identificado como maior prazer para as entrevistadas é a carreira. A despeito de todos os percalços da profissão, boa parte das profissionais se sente realizada pelo resultado dos trabalhos e do quanto aquilo agrega valor tantos aos clientes quanto aos seus familiares e amigos – como se todo aquele sofrimento fosse recompensado pelo

resultado que é gerado. Nesse sentido, de acordo com Augusto *et al* (2014), quando o sujeito tem autenticada a beleza do seu ofício e do seu reconhecimento, todo seu sofrimento pode ser ressignificado e transformado em prazer.

Conclui-se, a partir das entrevistas, que o grau de consciência dessas profissionais sobre o que é prazer e o que é sofrimento ainda é muito distorcido, gerando um questionamento sobre como essas profissionais não percebem essas relações no seu dia a dia, como se determinadas situações fossem vistas de forma natural dentro do processo de carreira. Com o passar do tempo, essa percepção vai se alterando, logo, certas coisas que eram entendidas como ossos do ofício no início, hoje são percebidas como violência ao corpo, sofrimento, submissão e abuso tanto físico quanto moral, que causam traumas irreparáveis naquele sujeito.

Nos últimos anos, foi possível perceber, também, o maior posicionamento das modelos com relação a determinadas situações. Na era das redes sociais, em que tudo é exposto, o movimento entre as modelos foi fortalecido por denúncias de diversas outras profissionais do meio sobre clientes e agências que tinham atitudes e comportamentos abusivos, relacionados a temas como racismo, abusos e atrasos nos pagamentos. Isso tem provocado melhorias em determinados aspectos comparados a situações enfrentadas por modelos anos atrás, mas ainda é um movimento recente que precisa ser mantido de forma estruturada para que medidas efetivas continuem sendo tomadas.

Para mudança na realidade do trabalho, se fazem necessários mecanismos para que esse trabalhador modifique ou diminua essa percepção sobre o que o faz sofrer. É um árduo processo, já que, o caso específico dessa pesquisa, mesmo havendo a percepção da democratização da moda e um maior espaço para o posicionamento desses profissionais, ainda é muito difícil modificar uma realidade e dinâmica de trabalho enraizadas. Deve haver, portanto, um movimento de defesa individual e coletiva. A defesa coletiva demanda de mínimas condições externas desse ambiente e da união da classe trabalhadora em questão, que fortalece o movimento e permite uma certa estabilidade nessa luta. Já a defesa individual parte da conscientização do sujeito sobre o espaço em que está ocupando e se submetendo.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou identificar as vivências de prazer e sofrimento das modelos *fashion* no mercado de moda brasileiro, visando à necessidade de se questionar as condições desse trabalho em questão e o quanto isso impacta de forma objetiva e subjetiva na vida dessas

profissionais. Torna-se importante salientar o quanto este tema ainda é pouco discutido na área da administração, mesmo se tratando de um mercado que movimenta muito o país e gera milhares de empregos, como o mercado da moda.

O levantamento teórico da pesquisa relacionada ao prazer e sofrimento no trabalho foi baseado nos estudos de Christophe Dejours sobre a Psicodinâmica do Trabalho e em diversos autores que citam o estudo em questão, demonstrando a relação entre o sujeito e a organização do trabalho, sendo essa uma determinante do sofrimento mental do trabalhador.

Enquanto metodologia, foi utilizada uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva conclusiva, seguindo a perspectiva interpretativista. Tal pesquisa buscou reunir os fenômenos por meio das interações pessoais e por meio daquilo que os sujeitos constroem, produzindo, assim, uma compreensão do contexto do fenômeno e de suas variáveis. Dentro do contexto da pesquisa qualitativa, foi feito um roteiro de entrevistas semiestruturadas, o que permitiu um questionamento maior sobre o assunto à medida em que as informações eram coletadas. As entrevistas foram feitas com 9 modelos com tempos de carreiras diferentes que faziam parte do público-alvo escolhido. Nessa coleta, foi escolhido o método da análise temática, estratégia que categoriza e segmenta a partir de um conjunto de dados uma descrição de padrões.

A partir desta análise temática, foi feita uma divisão em 7 famílias principais: o ambiente físico, a relação entre as modelos, a relação *booker*/agência, a remuneração, o corpo, o mercado atual e a carreira. A análise desenvolvida demonstrou o quanto a profissão, de forma consciente ou inconsciente, gera mais sofrimento do que prazer às profissionais da área, acarretando em traumas, submissão, pressão e em uma série de impactos negativos ao corpo e à mente dessas profissionais. Mesmo diante de uma sucessão de desabafos negativos e traumáticos sobre a profissão, as respostas relacionadas ao sentimento de prazer vieram acompanhadas do reconhecimento, algo muito comum dentro da profissão por se tratar de um trabalho voltado à imagem, o que gera uma validação positiva dentro da sociedade.

Apesar de observarmos que o mercado de moda tem caminhado para mudanças positivas, é importante reconhecermos que essas desconstruções no sistema vêm acontecendo a passos lentos. Cabe salientar o quanto a união da classe trabalhadora em questão e a tomada de consciência frente às vivências na área permitem um movimento maior de alteração desta estrutura. De acordo com Dejours (2008), é por meio da reflexão que os trabalhadores podem impulsionar a mobilização necessária para as transformações das situações dolorosas do trabalho em situações saudáveis. Sem um contexto de pressão sobre esse sistema, não podemos esperar que algo seja feito pela classe dominante, uma vez que é muito mais fácil manter estes sujeitos

adormecidos e alienados, para que não sejam capazes de questionar as condições às quais se submetem no trabalho. Enquanto estudos da Administração, se faz necessário um olhar mais direcionado à área mercadológica da moda. A partir do presente projeto, percebemos o quanto este assunto permanece invisibilizado pela Academia. Acredita-se que, ao contemplarmos essa temática no presente trabalho, a discussão sobre o assunto irá se ampliar e, conseqüentemente, será possível questionarmos, de modo contundente, essa estrutura e criarmos margens para alteração desse sistema.

Neste momento, o presente estudo abarcou apenas mulheres, por serem a maioria empregada neste contexto de mercado. No entanto, é possível apontar como estudos futuros uma expansão nesse objeto de estudo, incluindo os profissionais do sexo masculino, que também possuem vivências relevantes para a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas**. In: Lima, Luiz Costa (Org). Teorias da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G. De.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v20n1/v20n1a04.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 77 p.
- BELEI, R. A. *et al.* **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa**. Cadernos de Educação. 187-199, jun./2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1770>> . Acesso em: 5 nov. 2021.
- BERGAMO, A. O campo da moda. **Revista de Antropologia [online]**. 1998, v. 41, n. 2. p. 137-184. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-77011998000200005>>. Acesso em: 5 abr. 2022.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**. v. 3, n. 2, p. 77-101. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- BUENO, M.; MACÊDO, K. B. **A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras**. **Revista Ecos: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**. v. 2, n. 2, p. 307-318. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1010>>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- CALDAS, M. P. Paradigmas em Estudos Organizacionais: uma introdução à série. **RAE Revista de Administração de Empresas**. v. 45, n. 1, p.53-57, jan-mar 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902005000100008>>. Acesso em: 9 nov. 2021.
- CARON, C. F. (2014). A influência da moda na ditadura da beleza feminina. **Anais dos Colóquios de Moda. Faculdade de Tecnologia Senai Blumenau**. Disponível em: <[https://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda\[24229\].pdf](https://www.fiepr.org.br/nospodemosparana/uploadAddress/moda[24229].pdf)> Acesso em: 10 nov. 2021.
- CRARY, J. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo. Ubu Editora, 2016.
- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987.
- DEWES, J. O. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>> Acesso

em: 5 nov. 2021.

FIGUEIRA, H. L. M.; VELOSO, C. S. A. Representações e ambiguidades sobre a escravidão contemporânea no território da moda. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 6, p. 5334-5347. Disponível em:

<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1756/1679>> Acesso em: 8 nov. 2021.

_____. Emancipação 'facilita a vida', dizem modelos menores de 18 anos. **Globo.com**. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/05/emancipacao-facilita-vida-dizem-modelos-menores-de-18-anos.html>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GOLDENBERG, M. (2006). O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira.

Arquivos em movimento. v. 2, n. 2, p. 115-123. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/viewFile/9083/7213>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

KRIPKA, R., SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. (2015). **Pesquisa Documental:**

considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. Disponível em:

<<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>> Acesso em: 8 nov. 2021.

LIBARDI, M. **Em busca da fama: profissão modelo**. São Paulo: Senac. 2004.

LIPOVETSKY, G. **Império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas.

Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, G. A beleza positiva das top models. **Folha de São Paulo**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0402200110.htm>> Acesso em: 9 dez. 2021.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 34- 38, 1995.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/R4yymBFkPGNFb3BSvXFnZzn/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 11 mai. 2022.

MENDES, A. M. B. Pesquisa em psicodinâmica do trabalho: a clínica do trabalho. *In*:

MENDES, A. M. B. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007. p. 65-87. (pp. 65-87).

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista De**

Administração Contemporânea, p. 731-747. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000400010>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MUTTI, R.; CAREGNATO, R. C. A. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez./2006.

Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>>. Acesso em: 29 out. 2021.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em Administração**, São Paulo. v. 1, n. 3, p. 1-5. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

PIRES, L.; RODRIGUES, A. M.; FISBERG, M.; COSTA, R. F. da; & SCHOEN-FERREIRA, T. H. Qualidade de Vida de Adolescentes Modelos profissionais. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**. v. 28, n.1, p. 71-76. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100009>> Acesso em: 9 nov. 2021.

ROCHA, D.; SANTOS, T. A criança na novela, na publicidade, na moda: participação artística e/ou trabalho infantil. **REVISTA COCAR**. UEPA. v. 13, n. 26, p. 50-66, ago./2019. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2540>>. Acesso em: 29 out. 2021.

SANTOS, A. P.; NICOLAU, A. S. Moda para além da medida: o Plus Size no mercado fashion: de uma visão Frankfurtiana a perspectiva dos Estudos Culturais. *In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Ouro Preto*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/r33-0699-2.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2021.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. **Kátia Arruda diz que trabalho artístico infantil pode gerar danos irreparáveis**. Disponível em: <<https://www.tst.jus.br/-/katia-arruda-diz-que-trabalho-artistico-infantil-pode-gerar-danos-irreparaveis>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

APÊNDICE A – PRODUÇÃO TÉCNICA



RELATÓRIO DE PRODUÇÃO TÉCNICA/TECNOLÓGICA

OSSOS DO OFÍCIO: Estudos sobre prazer e sofrimento no mercado da moda

Autor (es):	Luana Carvalho, Carolina Saraiva
--------------------	----------------------------------

Data e local da realização:	Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas
------------------------------------	---

1. Tipo de Produção Técnica/Tecnológica

	Base de dados técnico-científica		Manual de operação técnica
X	Desenvolvimento de material didático e instrucional		Processos de gestão
	Desenvolvimento de Tecnologia social		Processo/Tecnologia não patenteável

**marque com um "X" a opção mais adequada.*

2. Aderência ao Tema

Dentre as linhas de pesquisa e extensão do Observatório C.A.F.E., esta produção se encaixa na:

X	Estudos Críticos Organizacionais: analisar e agir sobre a realidade organizacional sob a lente dos estudos críticos, desvelando as estratégias de dominação e alienação presentes nas formas atuais de estruturação do trabalho. As análises críticas organizacionais, eminentemente de natureza frankfurtiana, buscarão o desenvolvimento da emancipação humana e do desenvolvimento de formas mais justas e igualitárias de trabalho.
	Formação e Ensino em Administração: compreender e agir sobre a realidade do ensino de Administração no país, bem como as formas de desenvolvimento da formação crítica do administrador. As pesquisas, de natureza crítica, se baseiam, eminentemente, na pedagogia crítica Freireana e Frankfurtiana, seja em seus autores de primeira, segunda ou terceira geração. O objetivo destes estudos é fomentar o pensamento reflexivo e a consciência crítica do administrador quanto a seu status de "técnico do saber prático", tornando-o consciente dos significados sócio-culturais de sua profissão, criando, assim, condições de emancipação e autonomia do sujeito.

**marque com um "X" a opção mais adequada.*

3. Impacto (especificar o tipo de demanda, objetivo da pesquisa e área impactada):

Em consonância com a linha de pesquisa acima destacada, esta produção visou contribuir para o desenvolvimento de explicações acerca *do modus operandi* desse mercado e pode, até mesmo, criar uma base para a alteração desse sistema. Pretende-se, portanto, estudar essas condições de trabalho, como elas acontecem nas micro-práticas e quais são as formas de ação que devem ser implementadas para visualizarmos esse contexto com a devida atenção. Dito isso, espera-se que futuros personagens e trabalhadores do mundo da moda não tenham impactos tão grandes em seus aspectos físicos, psicológicos e, conseqüentemente, em sua qualidade de vida.

4. Aplicabilidade

	Abrangência realizada
X	Abrangência potencial
	Replicabilidade

**marque com um "X" a opção mais adequada.*

5. Inovação

	Produção com alto teor inovativo		Produção com baixo teor inovativo
X	Produção com médio teor inovativo		Produção sem inovação aparente.

**marque com um "X" a opção mais adequada.*

6. Complexidade

	Produção com alta complexidade
X	Produção com média complexidade
	Produção com baixa complexidade

**marque com um "X" a opção mais adequada.*

7. Desenho da Produção Técnica/Tecnológica

A produção consiste na criação de infográficos didáticos, a serem impressos em folhas A3 e posteriormente serem colados nos murais do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas –ICSA, localizado no campus Mariana, da Universidade Federal de Ouro Preto –UFOP.

Os cartazes mostram como o prazer e sofrimento são capazes de impactar na vida do sujeito e questionar até que ponto somos capazes de perceber o quanto o sofrimento reverbera na identidade daquele trabalhador.

8 . Resultados da Produção Técnica/Tecnológica

Embora a ação ainda não tenha ocorrido, espera-se conseguir conscientizar os alunos em relação a romantização criada sobre determinados mercados de trabalho, e o quanto o prazer eo sofrimento no trabalho impactam no sujeito em todas as suas esferas, não só profissionais.

9. Material Utilizado

Os materiais foram produzidos em um computador, e sua impressão será realizada em folhas de ofício, de tamanho A3. Esses infográficos serão fixados em murais, sendo necessário o uso de fita adesiva, taxas e /ou imãs. Ademais tem-se também os custos com a impressão desses materiais.

APÊNDICE B – PRODUÇÃO TÉCNICA

VOCÊ CONHECE O ESTUDO SOBRE A PSICODINÂMICA DO TRABALHO?

É um estudo da relação entre o sujeito e a organização laborial, desenvolvida por Dejours (1980). Estudos relativos ao prazer e ao sofrimento no trabalho contribuem para o desenvolvimento de um ambiente organizacional, com maior qualidade de vida ao trabalhador e uma redução dos prejuízos relacionados à sua saúde física e mental.

1

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR?

Existem várias profissões extremamente romantizadas na nossa sociedade, onde não consideramos o quanto aquele ambiente de trabalho pode ocasionar sofrimento ao sujeito.

2

OBJETO DE ESTUDO

Neste projeto, o objeto de estudo sobre o prazer e sofrimento no trabalho foram as modelos fashion brasileiras, mulheres destinadas aos desfiles e campanhas de moda, que seguem um padrão estético de altura e medidas.

3

PRAZER X SOFRIMENTO

Dentre todas as categorias analisadas neste projeto, há uma percepção direta sobre como o trabalho das modelos é fortemente considerado uma fonte de sofrimento do sujeito.

4

COMO MUDAR ESTE CENÁRIO?

Grau de consciência do sujeito;
Mecanismos de modificação ou diminuição da percepção do sofrimento;
Movimentos de defesa individual e coletiva foram alguns dos tópicos levantados como objetos de transformação.

**"É POR MEIO DA REFLEXÃO QUE OS TRABALHADORES PODEM IMPULSIONAR A MOBILIZAÇÃO NECESSÁRIA PARA AS TRANSFORMAÇÕES DAS SITUAÇÕES DOLOSAS DO TRABALHO EM SITUAÇÕES SAUDÁVEIS."
(DEJOURS, 2008)**

QUER SABER MAIS?

ACESSE O PROJETO: "OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE PRAZER E SOFRIMENTO NO MERCADO DA MODA" PELO SITE WWW.OBSERVATORIOCAFE.COM.BR

VOCÊ CONHECE O ESTUDO SOBRE A PSICODINÂMICA DO TRABALHO?

É um estudo da relação entre o sujeito e a organização laborial, desenvolvida por Dejours (1980). Estudos relativos ao prazer e ao sofrimento no trabalho contribuem para o desenvolvimento de um ambiente organizacional, com maior qualidade de vida ao trabalhador e uma redução dos prejuízos relacionados à sua saúde física e mental.

1

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR?

Existem várias profissões extremamente romantizadas na nossa sociedade, onde não consideramos o quanto aquele ambiente de trabalho pode ocasionar sofrimento ao sujeito.

2

OBJETO DE ESTUDO

Neste projeto, o objeto de estudo sobre o prazer e sofrimento no trabalho foram as modelos fashion brasileiras, mulheres destinadas aos desfiles e campanhas de moda, que seguem um padrão estético de altura e medidas.

3

PRAZER X SOFRIMENTO

Dentre todas as categorias analisadas neste projeto, há uma percepção direta sobre como o trabalho das modelos é fortemente considerado uma fonte de sofrimento do sujeito.

4

COMO MUDAR ESTE CENÁRIO?

Grau de consciência do sujeito;
Mecanismos de modificação ou diminuição da percepção do sofrimento;
Movimentos de defesa individual e coletiva foram alguns dos tópicos levantados como objetos de transformação.

**"É POR MEIO DA REFLEXÃO QUE OS TRABALHADORES
PODEM IMPULSIONAR A MOBILIZAÇÃO NECESSÁRIA
PARA AS TRANSFORMAÇÕES DAS SITUAÇÕES
DOLOSAS DO TRABALHO EM SITUAÇÕES SAUDÁVEIS."
(DEJOURS, 2008)**

QUER SABER MAIS?

ACESSE O PROJETO: "OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE
PRAZER E SOFRIMENTO NO MERCADO DA MODA" PELO SITE
WWW.OBSERVATORIOCAFE.COM.BR

VOCÊ CONHECE O ESTUDO SOBRE A PSICODINÂMICA DO TRABALHO?

É um estudo da relação entre o sujeito e a organização laborial, desenvolvida por Dejours (1980). Estudos relativos ao prazer e ao sofrimento no trabalho contribuem para o desenvolvimento de um ambiente organizacional, com maior qualidade de vida ao trabalhador e uma redução dos prejuízos relacionados à sua saúde física e mental.

1

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR?

Existem várias profissões extremamente romantizadas na nossa sociedade, onde não consideramos o quanto aquele ambiente de trabalho pode ocasionar sofrimento ao sujeito.

2

OBJETO DE ESTUDO

Neste projeto, o objeto de estudo sobre o prazer e sofrimento no trabalho foram as modelos fashion brasileiras, mulheres destinadas aos desfiles e campanhas de moda, que seguem um padrão estético de altura e medidas.

3

PRAZER X SOFRIMENTO

Dentre todas as categorias analisadas neste projeto, há uma percepção direta sobre como o trabalho das modelos é fortemente considerado uma fonte de sofrimento do sujeito.

4

COMO MUDAR ESTE CENÁRIO?

Grau de consciência do sujeito;
Mecanismos de modificação ou diminuição da percepção do sofrimento;
Movimentos de defesa individual e coletiva foram alguns dos tópicos levantados como objetos de transformação.

**"É POR MEIO DA REFLEXÃO QUE OS TRABALHADORES
PODEM IMPULSIONAR A MOBILIZAÇÃO NECESSÁRIA
PARA AS TRANSFORMAÇÕES DAS SITUAÇÕES
DOLOSAS DO TRABALHO EM SITUAÇÕES SAUDÁVEIS."
(DEJOURS, 2008)**

QUER SABER MAIS?

ACESSE O PROJETO: "OSSOS DO OFÍCIO: ESTUDO SOBRE
PRAZER E SOFRIMENTO NO MERCADO DA MODA" PELO SITE
WWW.OBSERVATORIOCAFE.COM.BR

APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

1. TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

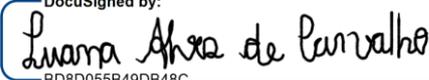
CEDENTE: Luana Alves de Carvalho

CESSIONÁRIO: Carolina Machado Saraiva

OBJETO: Cessão de Direitos Autorais sobre a Presente Produção Técnica/Tecnológica

Pelo presente *Luana Alves de Carvalho, brasileira, solteira, portador da Carteira de Identidade nºMG12.141.395, 114.146.166-86 e Rua Bebê Magalhães 60, apt 301 – Bairro Pará, Itabira – Minas Gerais*, doravante denominado (s) **CEDENTE (s)** e **CAROLINA MACHADO SARAIVA, BRASILEIRA, RG M6096220, CPF 026.107.786-43, RUASANTO AGOSTINHO, 567/1001 BELO HORIZONTE/MG CEP 31035-480**, doravante designado **CESSIONÁRIA**, contratam, sob a regência da Lei nº 9.610, de 19/02/1998 por esta e na melhor forma de direito, a cessão gratuita de direitos autorais sobre presente obra produzida com apoio da Universidade federal de Ouro Preto e agências de fomento à pesquisa.

Ouro Preto, 29 de junho de 2022.

DocuSigned by:

BD8D055B49DB48C...

Assinatura do Cedente

APÊNDICE D - TERMO DE CESSÃO DE IMAGEM

TERMO DE CESSÃO IMAGEM

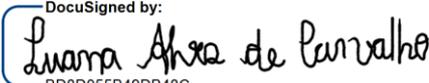
CEDENTE: Luana Alves de Carvalho

CESSIONÁRIO: Carolina Machado Saraiva

OBJETO: Cessão de Direitos Autorais sobre a Presente Produção Técnica/Tecnológica

Pelo presente Luana Alves de Carvalho, brasileira, solteira, portador da Carteira de identidade nº MG12.141.395, 114.146.166-86 e Rua Bebê Magalhães 60, apt 301 – Bairro Pará – Itabira – Minas Gerais doravante denominado (s) CEDENTE (s) e CAROLINA MACHADO SARAIVA, BRASILEIRA, RG M6096220, CPF 026.107.786-43, RUA SANTO AGOSTINHO, 567/1001 BELO HORIZONTE/MG CEP 31035-480, doravante designado CESSIONÁRIA, AUTORIZO o uso de minha imagem com o fim específico ACADÊMICO, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

Ouro Preto, 29 de junho de 2022.

DocuSigned by:

BD8D055B49DB48C

Assinatura do Cedente

